

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º
	36 n.º*	18 n.º*	9 n.º*	a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3,600	1,800	950	5120
Possessões ultramarinas (idem)...	4,000	2,000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—

19.º Anno — XIX Volume — N.º 618

25 DE FEVEREIRO DE 1896

Redacção — Atelier de gravura — Administração

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



## CHRONICA OCCIDENTAL

A'quella hora dançavam todos alegres. Homens, que todo o anno labutam, vergados sobre as carteiras ou manejando a ferramenta, reuniram-se n'aquella festa. Era a ultima noite de carnaval.

«Amanhã cinzas. Vamos, mulher, enfeita-me como um brinco essas pequenas. Põe-lhes rosas nos cabellos para que vão perfumadas; ondêa-lhes essas tranças, deixa-lhes sobre as testas revoltos esses fios loiros para que as luzes brincando n'elles lhes ponham em volta das cabecinhas uma aureola; veste-as de branco como as noivas, que ninguém sabe o que pôde acontecer; tufa-lhes nos hombros as cambraias que pareçam azas fechadas d'anjos que amanhã hão de voar! Amanhã cinzas!... É a ultima noite de carnaval.»

Lá, sim, na cidadezinha pequena de provincia, onde são raras as distrações, foi o carnaval divertido! As pequeninas sonhavam, havia tanto, com aquelle baile onde as mães as levariam!

Que animação n'aquelles rostos, que risos n'aquelles labios, que sonhos n'aquellas alminhas!

Uma festa n'uma terra de provincia, que vespéras não tem! E depois o que se conta!... que recordações!

Por aqui, pela capital, a cagnagem poderosa do tempo desfez nas velhas ferragens a poeira inutil e suja d'esses dias que a folhinha consagra ás festas e aos prazeres. Os cocheiros tiraram dos pescoços das mulas as guiseiras tilintantes, os ché-chés despiram os fatos enlameados, calaram-se nos becos as vozes avinhadas que cantavam antigas obscenas, fecharam-se as portas das tabernas e dos theatros, as mulheres hexigosas e vesgas arrencaram dos rostos as mascaras e a carroça do lixo levou finalmente para o monturo os vomitos, os tremoços grelados, os papeis apodrecidos, os sonhos desfeitos.

Cinzas! Cinzas!

O entrudo não é, para muitos, mais do que uma valvula de segurança vigiada pela policia e destinada a dar vasão á parte besta da alma humana. Se os deixassem, ao quarto dia esfaqueavam-se. Imperam n'esses dias a porcaria, a estupidez, a brutalidade. Darwin não teria muito que fazer para, percorrendo essas ruas, achar o tronco glorioso de muita arvore genealogica, um toiro, um burro ou um porco.

Mas é o tempo da folia, sejamos doidos.

E todos saem de casa com uma esperanza. Não levam a alegria consigo; vão pedil-a aos outros. Percorrem essas ruas, encostam-se nos bailes ás hobreiras das portas, olham com um aborrecimento afflicto para as mascaras que passam, gaguejam graças á espera de respostas, correm para onde vejam grupos, oçam musicas, gritarias, e acordam em quarta feira, moidos, com febre e o estomago estragado pelo cognac, cheios de olheiras, sem uma recordação que não seja de lama, de fedor, de miseria e de tristeza.

E enquanto o entrudo rolava, ignobil e miseravel, por essas ruas, lá na velha cidade, alto erguida na rocha sobranceira ao Tejo, preparava-se o grande baile da noite.

Com que pulsar de corações não foi esse dia esperado! E ellas, as pequeninas lindas, a alegria orgulhosa dos paes, pareciam ter lá dentro um pedaço de sol, que lhes fusilava nos olhos enormes,

que lhes subia aos cerebros em doidas expansões, aos labios frescos em gargalhadas de argentina sonoridade!

Uma noite assim! Uma festa, coisa tão rara n'aquella cidadezinha de provincia, com as suas ruas estreitas e tortuosas, os velhos edificios historicos a erguerem-se nas sombras da noite como fantasmas negros!...

Fantasmas negros, fantasmas bons! Mais luz do que os campos tinham ellas nas almas e essa luz bastava para fazer criar florinhas nos musgos das velhas pedras, onde as pombas brancas fazem os ninhos.

A melancolia da cidade! Como se ellas já tivessem annos para ir desenrolar sonhos para as Portas do Sol! A symphonia azul e oiro do Tejo immenso a caminhar por entre os renques dos salgueiros; a enorme vastidão dos campos, tamanhos, tão extensos, que se perde n'elles a vista e cai sobre elles o céu, toda a poesia da velha cidade, ás horas mortas que dão vida ás pedras dos templos, ás ameias das torres, ás guaritas arruinadas do castello, tudo isso que lhes havia de cantar aquelles corações onde affluiu o sangue vermelho da mocidade?

Aos paes, sim, aos paes agora é que tudo isso



O MAESTRO ALFREDO KEIL. AUCTOR DA OPERA «IRÈNE»

vae falar n'uma lingua que ainda não conheciam, o Tejo aos torcicolos desenrolando as saphiras liquidas por entre o oiro rutilante das areias mordidas pelo sol, os campos extensos sobre que batem vagarosamente as azas os corvos aos pares, o vento que se encafunha nos velhos conventos e sae, n'uma desolação, gemebundo pelas frestas.

Mas a ellas...!  
Ah! boa, santa alegria infantil! Era vel-as n'aquelle baile, em revoadas, como pombas doidas de sol voando pelo azul luminoso! Em cada olhar fulgia a estrella d'uma esperança, em cada bocca uma flor de abril, em cada peito um sonho todo oiro e branco!

Espalhava-se pelo ar, de todas aquellas roupas doidejantes, dos cabelos revoltos e desentrançados, das boquitas entreabertas, um aroma fresco e doce de pomar florido. Eram como um trinado de cotovias os risos na sala illuminada, cheia de festões, por entre as notas inebriantes da valsa.

Flores e luz! Por toda a parte luz e flores, e, mais que n'outra parte, nas almas carinhosas dos paes, perfumadas pela esperança de folhagem sempre verde. Como ellas eram gentis! E os olhares vaidosos seguiam-lhes os mais pequeninos movimentos, vendo-as fugir nos braços do par, approximar-se novamente, as cabecinhas um pouco inclinadas, as tranças voando, os peitos arquejantes, os olhos, as boccas a sorrirem!

Ah! boa, santa alegria infantil! Ditosos corações de mães! Abençoado trabalho o d'aquelles homens que poudo assim dar aos seus uma noite tão placidamente alegre!

Então, por entre o gorgear das avesitas, frases d'amor balbuciadas a medo pelo par, a musica estridente dos metaes, os ditos que se cruzavam, ouviu-se o relógio da velha torre, o que põe as virgulas e os pontos ás desventuras e ao prazer, bater, no ar frio da noite lá de fóra, lentamente, onze horas.

O carnaval ia no fim.

«Amanhã cinzas! Aproveitar! O carnaval está por uma hora! Amanhã voltaremos para o trabalho pensando em vós, para novamente vos darmos d'assas alegrias, que serão d'ora avante as nossas! Vamos, ride, folgae, dançae; a vossa mocidade é o sol da nossa velhice! Dos vossos olhos nos vem todo o calor, é nas vossas boccas que bebemos a alegria, no vosso perfume que haurimos a vida. Gosae da vossa curta mocidade, suavissimo concheço dos nossos annos frios. Amanhã cinzas! As cinzas cobrirão as nossas cabeças, curvaremos os olhos para a terra, os olhos ainda encadeados de ver bailar estrellas. Gosae, mocidade!»

As mais pequeninas já não podiam. Fechavam de mansinho os olhos, tornavam-os a abrir preguiçosamente, reclinavam sobre os hombros das mães as cabecinhas meigas, loiras como de cherubins. Foram-as então deitar n'uma sala ao lado. E no meio de todo o bulicio, das notas sonoras da fanfarrã cada vez mais vivas, do rodopio das danças, dos risos e ditos alegres, adormeceram todas, sorrindo para as visões, cor de rosa que veem acalentar o somno das criancinhas. A respiração regular erguia-lhes brandamente as roupas infantis, as faces rosavam-se amuavam-se as boquinhãs, e ellas dormiam contentes, no concheço da vigilancia materna.

As irmãs mães velhas, sentindo azas para voar, não queriam repousar ainda. Aquella festa era para ellas como para as cotovias um dia bonito, que nenhuma descança emquanto brilha no ceo um raio de sol.

Alguns d'aquelles corações bateriam talvez, ali n'aquella noite, pela vez primeira, abrigariam secretamente o primeiro sonho, sentiriam ondas cerebraes inundando-os, uma doce perturbação, um receio delicioso. Sonhos criam sonhos. Onde mais os haveria, n'aquellas cabecinhas de tranças revoltas, fluctuantes como bandeiras desfaldadas ao vento, ou nas outras, já embranquecidas, dos paes, das mães, dos avos? Uns todos cor de rosa, tinta unica, os outros riados pelo róxo d'uma saudade e o verde d'uma esperança!

Ah! que lindos castellos edificadas sobre rochas floridas, destacando na aureola ceeste d'um amanhecer de abril!

Mas, em meio da festa, um grito horrivel de boccas torcidas por uma loucura eccoou em unisono sinistro n'aquella sala! Apareceram as primeiras chammãs lambendo as hombreiras das portas; uma densa voluta de fumo negro fez a sua entrada bailando pela sala dentro. E as creancinhas dormiam tranquillas no tocador sem outra sahida, e os ultimos compassos da valsa ainda vibravam alegres na atmosphera! As madeiras crepitavam, as vigas torciam-se como epilepticas.

Ah! Os sonhos! Os sonhos!

As labaredas cresciam, já lambiam as roupas

dos que não podiam fugir! O fumo suffocava os gritos!

Sonhos, que foi feito de vós? Pequeninas gentis, mansas como cordeirinhos, que dormeis cheias de confiança, e vós, que começaveis a abrir para a vida os vossos corações como flores beijadas pelo primeiro raio matutino do sol da primavera, que foi feito dos vossos sonhos de innocencia, dos vossos primeiros sonhos de amor? Paes e mães, que ha pouco, sorrieis enlevados nas graças de vossas filhas e sentieis as vossas almas subir, subir, como se aquelles anjos vos houvessem emprestado um bocadinho das suas azas purissimas, que foi feito d'esses castellos de marmore branco, cheios de scintillações como se em cada fresta houvessem cravado brilhantes, coroados de flores regados pelo orvalho d'um ceo sem uma nuvem?

As labaredas cor de sangue fluctuavam entre os rolos de fumo cor de luto. Ah! triste fim de carnaval!

Então mais uma vez, lentamente, indifferente, o relógio da velha torre bateu horas.

Ah! Os sonhos! Os sonhos!

Meia noite. Cinzas! Cinzas!

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

O MAESTRO ALFREDO KEIL AUCTOR DA OPERA

«IRENE»

A primeira representação de uma opera é um acontecimento artistico que desperta, sempre a attenção publica, que tanto mais se interessa, se essa opera é nacional.

Foi o que aconteceu com a apresentação da *Irene* em S. Carlos, opera duas vezes portugueza, pelo assumpto e pelo auctor.

A sua representação era esperada com anciedade e interesse por parte do publico frequentador de S. Carlos, e depois de ter sido duas vezes addiada, subiu finalmente a scena, na noite de 21 do corrente.

O exito foi completo. A *Irene* agradou geralmente, e o seu auctor, foi victoriado pelo publico que o applaudiu com enthusiasmo.

O auctor da *D. Branca* teve uma consagração no palco que o indemnizou de todos os esforços e trabalhos para levar a sua obra a scena no theatro de S. Carlos.

De resto a *Irene* já tinha sido cantada no theatro de Turim. Ha dois annos que ali tivera a consagração das grandes operas.

É baseada n'uma lenda nacional; a da formosa donzella da Nabancia, que resistindo aos amores de Britaldo, foi por este mandada assassinar e o seu corpo lançado ás aguas do Nabão, vindo ter ao Tejo em frente de Santarem, onde os anjos lhe construíram um tumulo.

Essa donzella, chamada Irene ou Erea, é a martyr Santa Iria. Ainda hoje existe na Ribeira de Santarem, proximo ao rio um plinto de pedra que serve de pedestal á imagem da virgem martyr. A accção passa-se no seculo VII e a esta lenda se refere Almeida Garrett.

A musica de Alfredo Keil, n'esta opera, orientando-se mais accentuadamente na moderna escola franceza, differe por isso bastante da sua primeira opera *D. Branca*.

No meio dos primores e bellezas que tem, ha por vezes exuberancias que fatigam um pouco o espectador e tornam menos intelligiveis certas phrases estabelecendo confusão no ouvido.

Estes pequenos senões são largamente compensados pelo talento que Alfredo Keil dispende a jorros na sua opera.

O 1.º e o 2.º actos, principalmente, são os melhores da peça. O 3.º acto todo phantastico é o que fatiga mais pelo excesso de espectáculo, á parte as bellezas musicas que contem.

O 4.º acto tem dois duetos de primeira ordem e a orchestração é magistral, como de resto o é em toda a opera.

O desempenho por parte das srs. Bonaplata e Santarelli foi bom, muito especialmente a sr.ª Bonaplata no papel de Irene, em que se salvou bem das exigencias da partitura bastante alta para a sua voz. Blanchard, Moretti, Zaver e Dadó, to-

dos se esforçaram para fazer realçar as bellezas da nova opera.

O maestro Goula ensaiou a *Irene* com toda a mestria, dando o maximo colorido e precisão á execução musical.

Foi uma noite de gloria aquella para Alfredo Keil, em que mais uma vez alcançou para a arte portugueza, n'um ramo tão difficil, assignalado triumpho, pelo que, apresentando o seu retrato ao publico, lhe juntamos as nossas sinceras felicitações.

O INCENDIO DO CLUB ARTISTICO DE SANTAREM

O carnaval de 1896 fica memoravel pela enorme catastrophe do incendio do Club Artistico de Santarem, occorrido em a noite de terça feira de entrudo e em que foram victimas das chammãs, mais de trinta pessoas, na sua maioria mulheres e crianças.

D. João da Camara dedica a sua chronica d'este numero aquella horrivel catastrophe, que elle descreve com todo o sentimento da sua alma de poeta.

Não insistiremos, pois, na descripção de mães afflictas que querem salvar seus filhos, nem nas innocentes crianças que choram e se estorcem no meio das chammãs que as devoram. Limitar-nos-hemos á descripção do edificio e ás causas que determinaram o incendio.

O Club Artistico de Santarem occupava a casa n.º 20 a 24 da travessa dos Sete Cantos, uma vielha estreita, e uma casa velha, que media 30 metros de comprimento, 8 de fundo ao lado esquerdo e 30 ao lado direito.

Na frente tinha cinco janellas de sacada sobre a rua. A entrada para o club era por uma porta larga e dois lanços de escadas na mesma linha.

A grande sala de baile era em cima, com casa de *toilette* e um quarto em que dormiam crianças. Estas duas salas tinham janellas sobre o quintal.

Em baixo havia uma salinha de baile, salas de bilhar, bibliotheca e gabinete de leitura. Havia tambem o hotequim.

A casa achava-se ainda decorada do baile que, no dia 2 do corrente, ali fóra offerecido ao aiferes sr. Montez, um dos expedicionarios d'África.

Essa decoração constava de verdura, principalmente loiros, que já estava secco, e, na escada, toda revestida com aquellas folhas, toram postos balões para illuminação.

D'aqui se originou a horrivel catastrophe porque um dos balões incendiando-se communicou o fogo ás folhas seccas, transformando rapidamente a escada n'um tunel de chammãs que se communicaram aos reposteiros e decorações da sala de baile.

Apesar da rapidez com que o incendio se ateou ainda teria havido tempo de se salvarem todos, se não fosse o panico e a falta de presença de espirito de quantos ali estavam.

As senhoras correram a maior parte á casa onde dormiam as crianças para as salvarem, mas por desgraça a casa onde estavam os seus filhinhos, abateu com o pezo e todos ficaram sepultados em ruinas sem se poderem salvar do fogo, que rompia por todos os lados.

Houveram ainda dedicações para livrar da morte os que, afflictos gritavam á janella pedindo soccorro. O policia n.º 45 de Santarem, foi um heroe que á sua parte salvou 15 pessoas, ficando com uma clavícula partida, ao receber em seus braços uma mulher que se precipitou de uma das janellas para a rua. Manoel Suspiro foi outro salvador e o sr. Antonio Peixoto, que salvou duas creanças com grande risco.

Alguns foram victimas da sua dedicação como Antonio da Costa Gordo, que depois de salvar a esposa e uma cunhada voltou ao incendio para arrancar a morte uma creança e lá ficou victima da sua dedicação humanitaria.

O sr. Antonio Bettencourt e Antonio Duarte de Carvalho tambem salvaram muitas senhoras e creanças, e estamos certos que todos se teriam salvo se, como dissemos, houvesse mais presença de espirito e soccorros mais promptos e acertados.

O numero das victimas subiu a 34 de que foram reconhecidos os cadaveres das seguintes: Severina Amalia Soares, 2 annos, filha de José Antonio Soares Castro, 1.º sargento de artilheria e de Amalia de Jesus Gonçalves; Leopoldina Carvalho, 11 annos, filha de Antonio Carvalho; Maria Cardoso Silva, solteira, 19 annos, filha de Sabino Cardoso; Maria Sebastiana d'Almeida, casada com Manuel Grande; Emilia Julia Cravadora, solteira, 20 annos; Raphaela, casada com João Viola, 49 annos; Domicilia Rosa da Conceição, filha de José Maria de Freitas e de Maria do Rosario, 11 an-

nos; Julia Augusta da Silva, filha de Julio Antonio da Silva, 12 annos; Angela Adelaide Vidigal, casada com Joaquim Lopes Vidigal; Rosa Maria do Nascimento Gaetano, solteira, 23 annos; Jayme Carvalho, irmão de Leopoldina Carvalho, 8 annos; Maria da Natividade Veras, viuva, 40 annos; Julia da Conceição Cardoso Silva, 14 annos; Guilhermina Adelaide, casada com Guilherme da Conceição, 47 annos; Marianna da Natividade Veras; Gertrudes, sobrinha de Maria Rosa Talóreiros, 10 annos; Julia da Silva Rato, casada com Antonio da Silva Rato, 52 annos; Antonio da Costa Gordo, filho de José Queijo, 25 annos; Clotilde Augusta Antunes, alumna do lyceu, filha de Francisco da Silva Pinheiro, 22 annos; Felicidade Veras, 17 annos solteira.

Na quinta feira, 20, foi o enterro das victimas, no cemiterio de Santarem, onde se lhe prestaram as honras funebres com toda a solemnidade.

Nesse dia foram a Santarem Suas Magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia, e visitaram algumas das victimas sobreviventes a quem distribuíram avultadas esmolas.

As nossas gravuras representam: uma o horrivel incendio, conforme *croqui* que nos foi enviado d'aquella cidade, e outra as ruinas depois do incendio vistas do lado do quintal.

## POMBEIRO DA BEIRA

(Trechos de um livro inédito)

### Pombeiro!

A não ser pela antiga casa dos condes d'este titulo e por um ou outro mapa corográfico, que o note a este de Coimbra, a uns 30 kilometros, na Beira, hoje Douro, — quem poderá conhecer esta pobre terra, tão decida do seu primitivo ser, apesar das inexactidões de alguns escriptores, que teimam em tornal-a áquillo, que ella não é, ha tantissimos annos!

D. José de Lacerda, por exemplo, chama-lhe antiga villa, comarca de Louzada e concelho de Felgueiras, confundindo-a imperdoavelmente com o Pombeiro minhoto; e, mais modernamente, Pinho Leal continúa a denominal-a villa, comarca e concelho, quando não passa hoje de uma pequenissima aldeia, no concelho de Arganil e districto de Coimbra, collocada no extremo declive da serra do *Salgueiral*, n'um monticulo, que lhe dá uma situação pitoresca e um aspecto risôhno.

Esta serra forma com outras um curiosissimo ouricado de montanhas convergentes, que, abraçando Arganil e Goes, tem origem na serra da Estrella, abrangendo entre si o fragoso rio *Ava*, e formando uma região de um accidentado excepcional, onde será difficil encontrar um kilometro de planura.

Que, n'um passado remotissimo, fô uma villa, cabeça do concelho do seu nome, com comarca, justias próprias, privilegios e isenções, como mostraremos pelo foral de D. Manuel, não ha duvida; mas, para o que fô essa terra e para o que é hoje, ha uma enormissima differença.

Pinho Leal, n'uma azéla polémica, que teve comnosco, e está mencionada a paginas 133 do nosso livro *Notas a Lapis*, dizia-nos que continuaria sempre a chamar-lhe villa, porque tinha por si a palavra oficial de Bettencourt, a classificação de varios geógrafos e o foral manuelino, que ainda não fôra derogado.

E' uma questão de direito e não de facto. A muitas villas a legislação civil, territorial e judiciaria concede attributos especiaes, de que Pombeiro não possui um só, sujeito, como está inteiramente, ás justias de Arganil.

As funcções e escriptos officaes de dentro e fóra do districto, antigos e modernos, denominam-n'o simplesmente *lugar* ou *cabeça* da freguezia do seu nome, e nenhum poder ou autoridade se lhe tem dirigido de outra forma.

Se o uso, em muitos casos, faz lei, que dirêmos, quando os documentos successivos de muitas leis estabelecem esse uso?

O mesmo tem acontecido a outras terras; e esta, reduzida a simples aldeia, pobre e decadente, esquecida por inteiro politica e administrativamente, só por irrisão ou platonismo caturra, poderia conservar os seus titulos nobiliarios.

Pombeiro, como povoação desmantelada, pertence a categoria de outras e tantas espalhadas pelo paiz, onde parece que a raça dos vandalos se não extinguiu nunca.

As versões diversas sobre o pouco, que se sabe da história da sua fundação, confundem-se, e mis-

turam-se com as do outro Pombeiro de Riba-Vizella, situado no Minho, a uns 11 kilometros de Guimarães.

Uns dizem-n'o fundação dos romanos, sob o nome de *Aufragia*, *Aufrazia* ou *Eufrazia*, de que era senhor Liciano, um dos companheiros do martirio de Santa Quiteria.

Faria o Sousa, no *Epitome das histórias portuguezas*, e diversos autores, ou *graves* autores, como lhes chama o padre Carvalho na sua *Corographia*, quer que Pombeiro fosse edificação de uns povos, entrados na Lusitania com o nome de *columbos*, a quem attribuem tambem a fundação de Coimbra.

Outros chamam-lhe a cidade *columbaria* dos romanos; e finalmente o reitor de Farinha Pódre, o padre Gomes de Abreu, na *Vida de Santa Quiteria*, em 1651, tem para si que Pombeiro fô a cidade *Aufragia*!

Pombeiro, voltando aos tempos modernos, e como já indicamos, o padrão caracteristico de uma raça de vandalos encarnados nos seus principaes habitantes, onde entrou, como mais culpado, o clero negligente, destruidor e boçal; é um trapo de rica vestidura, que essa boa gente, consanguinea de outra, que deixou ruir a maioria das obras, de arte antiga e dos monumentos nacionaes, levou séculos a esfarrapar.

Essa terra pôs não representa ao mênos uma leve sombra do que o passado nos diz que ella fô!

Custa crêr, á vista de semelhante decadencia, que ella chegasse a representar o papel, que se lhe attribue, de villa, cabeça de concelho, com camara, justias proprias e privilegios especiaes, de que ha provas inconcussas, desde os principios da monarchia até á dominação filipina.

Essas provas dão-lhe até importancia superior á do Pombeiro minhoto, e tanto que o párocho, que ainda hoje conserva a dignidade de prior, usufruia uma congrua de seiscentos mil reis, emquanto que o de Riba Vizella tinha apenas cento e cincoenta, e não passava de vigário.

Existem ainda duas circumstancias notaveis a favor da antiga importancia de Pombeiro.

O seu foral é anterior ao concedido á villa de Arganil, que só o teve um anno depois, em 1514; enquanto o seu párocho gosava da qualidade de prior, o d'esta villa era simples reitor, dignidade, que conservou até ha poucos annos.

A dependencia de Pombeiro, em face de Arganil, resumia-se apenas no tributo de *duzentos e sessenta reis*! pago em maio, e consignado no foral, que, como d'elle se verá, mandava repartir esta grande quantia por todos os bens da terra, *sem saer excusa nenhuma pessoa por privilegio ne exceção que tivesse!*

Centro das povoações, que mais se lhe avizinham, e que parecem ter constituído uma só povoação, em outras eras, Pombeiro occupa uma bonita posição no ápice de um monticulo, que é o extremo declive da serra do *Salgueiral*, como já fô mencionado.

O seu pequeno horizonte, fechado do nascente e do sul pela cordilheira, que é com outras uma ramificação da serra de Estrella, forma em semicírculo um pitoresco declive, arborizado com pinheiros, castanhas e oliveiros, terminando em bacía amêna cortada por duas ribeiras, que fazem junção, e lhe fertilisam o solo.

A Beira baixa, como é sabido, não tem planicies, que mereçam nota, tantas e tão diversas são as saliencias, os montes e serranias, que a guarnecem por todos os lados e lhe fornecem a sua principal feição caracteristica.

Pombeiro e tôdas as terras, que lhe ficam a algumas leguas ao redor, estão comprehendidos na parte mais cheia de declives e de saliencias desiguas, que se bifurcam, confundem e abraçam, formando despenhadeiros, desvios alpestres, penedias, ladeiras e escabrosidades de todo o genero.

Tudo aquillo porém tem a sua bellza relativa, muito digna de vêr-se até ha pouco, em que a molestia dos castanheiros e das vinhas ainda lhe não invadira a região.

As comidas dos montes ostentavam-se vestidas da espessa verdura dos pinhaes; a descêr d'ahi, os declives mênos áridos eram povoados de souts e oliveiros; nas collinas, viam-se as vinhas, nos valles, entrecortados de ribeiros susurrantes, as plantações mais mimosas, os cereaes e as arvores de fructo, formando tudo isso um emaranhado de arborisação e uma variedade de matizes, muito pára alegrar a vista e o coração.

\* No livro incólto, que já entrou no prelo, acaram-se e refutam-se estas diferentes opiniões.

A sêca dos vinhedos e dos castanheiros seculares, riqueza do sitio, tirou-lhe parte d'essa belleza, dando-lhe aos declives aspecto tristãohno e sôfaro.

Tudo o que respeita aos povoados, onde as ruas são coalhadas de fétidas estrumeiras, é monótono, descurado, triste e acentuadamente pobre, dando uma idéa do que poderiam ser as primitivas habitações dos barbaros.

Quem está costumado á perspectiva, ou á simples descripção de algumas aldeas do Minho, que d'entre as moitas do arvoredo comecam de longe a sorrir ao viandante, com os seus terraços ladrilhados, os mirantes bordados de trepadeiras, os respiradôres das pequenas chaminés e a nitida alvura das paredes — sente um violento apêto de coração, ao contemplar mênos furtivamente, os tectos Jenegrados pelo fumo das lareiras, as paredes sem reboque, os muros de negro pedregulho, as casas sujas e fétidas, como o estérco, que as circunda, baixas e quasi geralmente terras da maior parte dos lugarejos da Beira.

Ao presenciar aquelle miseravel desleixo, que denuncia logo ausencia completa de hábitos de acao e boa educação, chega a gente a persuadir-se de que n'esses covis não podem viver entes humanos, e de que esta região provinciana é um retalho á parte do paiz, um membro gangrenado, pára o qual, ha séculos, ninguém dispensou protecção, nem olhares de piedade.

Quem pôs entrar em Pombeiro, atraído pelo seu risôhno aspecto, e souber do seu faustoso passado, por medianamente curioso que seja, ao vêr umas vinte casas desconfortaveis na maioria e quasi todas de moderna apparencia, estendidas ao longo de uma só rua e duas pequenas travessas, uma das quales entesta com a igreja — deve sentir-se impressionado por não encontrar edificios antigos, habitações brasonadas, ou um outro monumento e pelo menos umas ruinas, que atestem a vetusta existencia da habitação senhorial.

Tudo isso houve, como não podia deixar de ser e como mostraremos, e tudo isso desapareceu, ao influxo pernicioso d'essa praga secular de mandões sertanejos, civis e ecclesiasticos, que ahi e n'outras partes do paiz, não descansaremos de dizel o, tem profanado, consumido e feito desaparecer o que o passado nos legou de artistico e venerando.

Sanches de Frias.

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

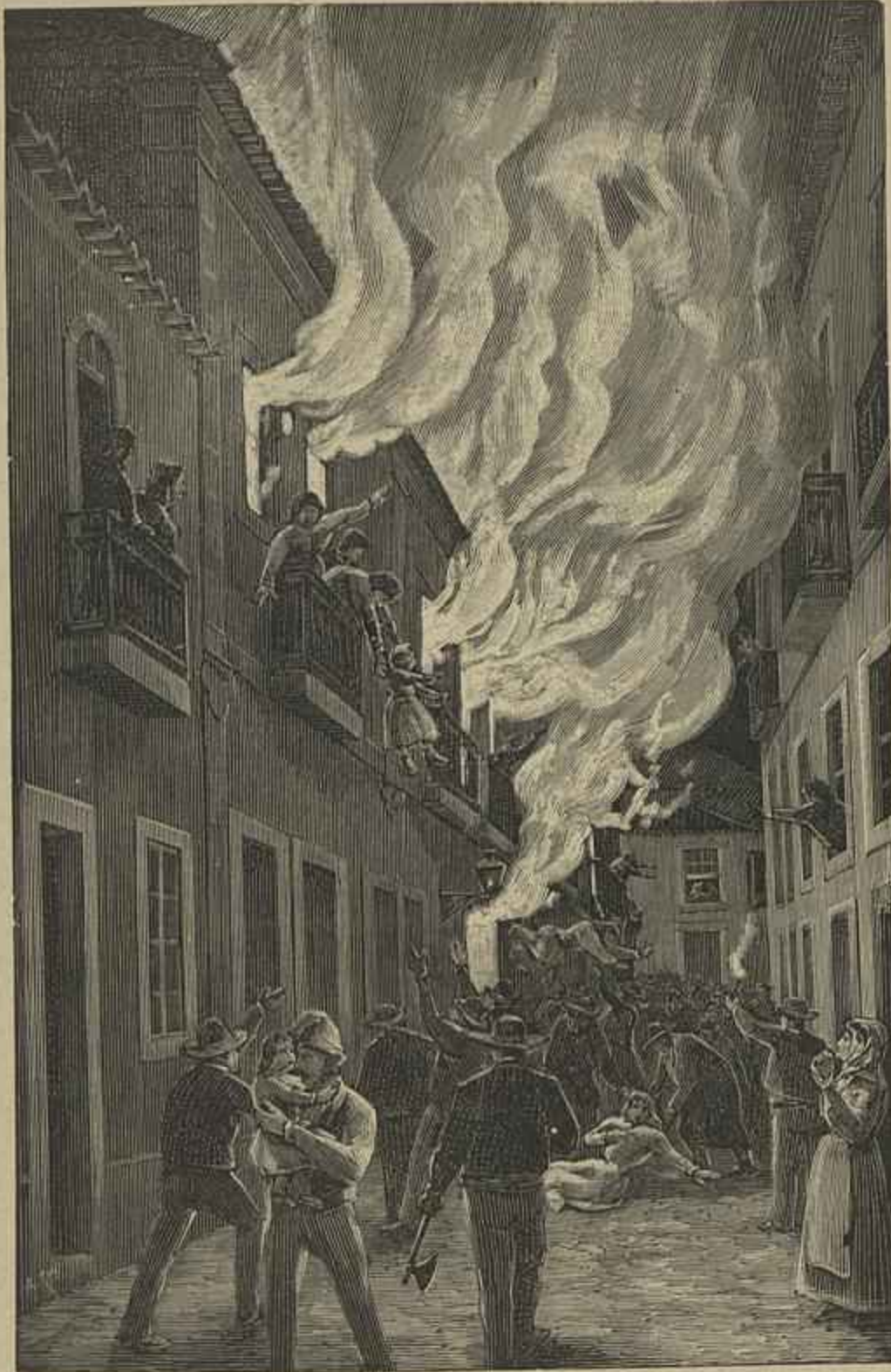
1813. — SETE SEMANAS DE CAPTIVEIRO  
EM S. SEBASTIAN

(Continuado do n.º 614)

Perguntou-me, certo dia, um major, quaes os meios que empregavamos quando queriamos impellir nossos soldados a atacar o inimigo. Admirado, respondi, «bradamos-lhe: — «Avançar!» — «Ah! retorquiu, «isso era bem bom! com os nossos fia mais fino; mas de-lhes distribuir agua ardente, ou, á falta d'ella, de lhe estimular os brios por meio de harengas patrioticas, e aqui onde me vé, mais de uma vez succedeu estar convencido de que lhes incuria o mais bellico ardor, eis senão quando, ouvia por detraz de mim rosnar qualquer tarimbeiro antigo, e tudo se transformava — o remedio era começar de novo».

Fallando-se das frequentes expedições para as quaes destacavam, durante prazos de dezpito ou vinte dias, tropas tiradas das grandes estações militares, mostrei desejos de saber como é que lhes forneciam mantimentos, para tanto tempo. Respondeu o seguinte: — «As nossas bolachas tem um buraco ao meio: cada uma constitue ração para um dia. Em certos casos o soldado recebe vinte e tantas d'uma vez, e dá-se-lhe a entender que nada mais tem a haver do commissariado, durante os dias correspondentes ao numero de bolachas que recebeu.» Tendo-lhe eu observado que o soldado não podia facilmente transportar tão avultado numero de bolachas, replicou o seguinte: — «Sabemol-o perfeitamente; mas como, durante esse prazo, nada tem a esperar do governo, — lá se arranja conforme pode... e o resto pouco nos importa.»

A differença na efficacia dos tiros, disparados das nossos trincheiras, era, ao que parece, assaz sensivel, e Mr. Songeon, chefe de Estado Maior, perguntou-me a que arma pertenciam uns soldados que em certas occasiões faziam fogo tão certo. — «Ha dias, proseguiu, em que assômo ao



INCENDIO DO CLUB ARTISTICO DE SANTAREM, OCCORRIDO NA NOITE DE 18 DO CORRENTE

(De croquis enviado de Santarém)

de aflicção da joven, entrara. Esteve em companhia do militar até que a guerra veio a terminar. O seu protector era capitão em um dos regimentos que formavam parte da minha divisão, e D. M., portanto, mais de uma vez teve occasião de me ver, durante a marcha. Desviava os olhos, fazendo que me não via, mas claramente se conhecia, pela expressão de seu rosto, que a minha presença lhe despertava penosas recordações.

Desde que dei entrada no hospital prestou-me os seus serviços um barbeiro hespanhol, em cuja casa estava aboletado um official francez. Como eu já falasse hespanhol correntemente, tivemos largas conversações. Dava-me parte de tudo que via e ouvia a respeito do succedido, dentro das fortificações e fora d'ellas. Quando soube que eu era engenheiro, prometteu mostrar-me uma planta dos encanamentos subterraneos e do aqueducto que abastecia de agua a cidade. Entretanto, Mr. Joliffe, cuja missão era guardar-nos, posto que excellente homem, não perdia de vista o meu amigo barbeiro, e não era, portanto, facil a este artista passar-me para a mão, fosse o que fosse. Afinal, um dia de manhã, quando punha as coisas em ordem para me fazer a barba, conseguiu disfarçadamente introduzir, entre a roupa do meu leito, a referida planta. Não descansei até encontrar ensejo de a examinar; e, como tivesse prévio conhecimento dos logares, orientei-me facilmente acerca da direcção que tomavam os canos, e de outras circumstancias ainda. Desde de esse momento, todo o meu fito foi sempre fugir. Sabia que o hospital estava situado na rua principal da cidade, e cujos extremos iam ambos dar ás fortificações que deitavam sobre o mar; se eu lograsse escapular-me, são e a salvo, tomando quer á direita quer á esquerda, depressa chegaria ás fortificações, e d'alli, buscaria o melhor meio de me safar.

Uma tarde, ao lusque fusque, hora em que os medicos sabiam das enfermarias, um d'elles esqueceu-lhe o chapéo armado, em cima do meu leito. Assim que dei por isso, enfio o chapéo na cabeça, desço de roldão e escada, e vou direito ao portão. Os soldados que estavam de guarda, obstruam, porem, totalmente a sahida; para passar, teria de lhes dar algum encontrão, e portanto não poderia escapar-me sem que dessem por mim. Retrocedi pois pelo mesmo caminho, e tornei a pôr o chapéo no mesmo sitio, para o que mal tive tempo, pois, n'este comenos, entra por ali dentro o doutor á cata do seu chapéo.

A tripulação dos barcos que, a todo momento, chegavam de França, e entravam de noite, vinha, muitas vezes, visitar-nos; e, comquanto se mostrassem alegres pelo facto de nos verem seus prisioneiros, devo, comtudo, declarar em seu abono, que, nem por palavras, nem por obras, nos dirigiram jamais a minima offensa. Entravam a ver os presos, com a manifesta intenção de darem conta do que tinham visto, quando voltassem a Bayonna.

Uma noite, quando menos o esperavamos, se-riam para ahi nove horas, eis que entra no carcere um ajudante de ordens do governador, e intima os prisioneiros a terem todo prompto, afim de seguirem immediatamente para França, e, com modo acalorado, affirmou ao ajudante de ordens que Lord Wellington não tardaria a apoderar-se da praça e que apenas desse pela falta dos prisioneiros, tornaria por elles responsavel

parapeito, e olho para todos os lados, sem, por assim, dizer, correr perigo; outros, porem, ha, em que tenho a certeza de que, se acaso deitasse o nariz de fora, seria homem morto. Uma joven hespanhola, Dona M., acompanhada por sua mãe, fazia-nos repetidas visitas; e sou-lhes muito obrigado. A filha era, quanto ser se pode, esbelta e formosa. Infelizmente, porém, um dia em que tinham vindo a ver-nos, eis que, de subito, entra por ali dentro o governador da praça. Conversou muito á mão e gracejou até com D. M., mas, á sahida, deu ordem ao cabo da guarda que não tornasse a admittir nas enfermarias visitas de gente hespanhola. Vim a saber que, dias depois, o governador mandára pedir a D. M., que viesse fallar com elle, convite a que a dama não accedeu. Quando me soltaram fiz, diligentes pesquisas acerca da minha sympathica visitante e vim, finalmente, a saber que estava vivendo em companhia de um official meu compatriota. Pelos modos, quando os nossos metteram a saque a cidade, ansiosa por se furtar ás violencias da soldadesca que lhe invadira a casa, lançou-se nos braços de um official inglez, que, acertando, a passar por ali na occasião, e ouvindo os brados



RUINAS DA CASA DEPOIS DO INCENDIO, VISTA DO LADO DO QUINTAL

a pessoa do proprio governador. E' de suppor que o ajudante fosse d'alli direito contar o caso ao governador, visto o tempo que se demorou; e quando voltou, declarou-nos que ja não podiamos embarcar aquella noite, por terem os barcos levantado ferro. A ameaça de extradição nunca mais se tornou a repetir. Manifestei curiosidade de saber como é que as embarcações conseguiram illudir a vigilancia dos nossos cruzadores, e disseram-me que largavam de Bayonna ao escurecer e navegavam toda a noite em direitura á bahia de Biscaya. Ao romper o dia, faziam signaes e, cosendo-se muito com a costa de Hespanha, á noite estavam nas aguas de S. Sebastian, evitando assim, cautelosamente, os nossos navios, que estavam ao largo, na direcção da costa, entre a cidade e *Passages*. Estas visitas nocturnas eram serviço essencial á defeza da praça, pois, alem de alimentarem as esperanças á guarnição, forneciam-lhe tambem mantimentos.

Poucos dias antes da cidade ter soffrido o primeiro assalto, era n'ella introduzido um coronel de engenheiros, que vinha substituir outro, que por motivo de fermentos, embarcara para Fran-

poderia valer-se para construir apróches, afim de atacar o castello. A impressão que o facto me produziu na occasião é a mesma que conservo ainda e agora repito: — estou convencido de que a conflagração da cidade resultou da combustão dos materiaes para esse effeito previamente dispostos. E a prova é que, á medida que iam chegando ao hospital noticias dos progressos do incendio, ouviamos os officiaes francezes, que visitavam, nas enfermarias, os seus collegas feridos, rir com malevola satisfação. Não se imagina a alegria e os esgares, com que celebravam a afflicção de um pobre capitão hispanhol (dos *afrançados*) que, com o resto da guarnição, se tinha acolhido ao castello, e deu entrada no hospital, na mesma tarde em que se realisou o assalto. O homem, no auge do desespero, arrancava, ás mãos chetas, os cabellos, bradando que estava vendo a sua casa em chammas e ouvia distinctamente os angustiosos clamores da esposa e dos filhos. Taes expansões de dor apenas lograram augmentar a hilaridade dos francezes; e o molino official, agora, sem duvida bem arrependido, devia chorar amargamente o dia em que resolvera esposar tão ruim causa. Os francezes ainda por cima o chasqueavam por

## A Inscricção lapidar na rua do Salvador

I

Lisboa, a cidade tagitana nunca demais celebrada, é decerto a povoação europeia que tem passado no tempo e no espaço os maiores cataclismos e as mais terriveis contingencias naturaes que uma cidade pode soffrer.

Arrazada successivamente por violentos tremores de terra como o de 1344, os de 7 e 16 de janeiro de 1531, o de 28 de janeiro de 1551, e, o mais terrivel de todos, o de 1755; viu desaparecer os seus mais bellos palacios que eram construcções dignas da metropole do maior imperio colonial desse tempo. Os mais grandiosos estabelecimentos foram subvertidos e parece que por capricho da natureza era sempre a parte mais bella da cidade a que recebia os insultos da destruição.

Desses variadissimos lances resultou para a planta de Lisboa uma profunda alteração. E' assim que se torna impossivel reconhecer ou reconstruir hoje as antigas ruas e viellas que formavam a rede da cidade.



POMBEIRO DA BEIRA

(Cópia de uma photographia)

ça. Do mesmo modo entraram grande quantidade de bombas e outras munições de guerra, e de bôca, medicamentos, e demais artigos necessarios aos hospitaes como, fios, ligaduras, etc.

Cerca do meado de Agosto, começou a guarnição a lisonjeiar-se de ver o assédio da cidade, pouco a pouco convertido em bloqueio, e de que, em breve, o marechal Soult, graças ás vantagens alcançadas, viria levantar o cerco. Os sitiados estavam animadissimos; a esperança parecia redobrar-lhes as forças.

O dia 15 de Agosto, anniversario de Napoleão, foi de regosijo para a guarnição; e á noite, a letra N) de enormes dimensões, appareceu illuminada na frente da torre de menagem da fortaleza.

No começo das operações do segundo assedio, um capitão que vinha vernos quasi todos os dias, informava-me regularmente de tudo que se passava. D'este modo tive noticia da forma por que se achavam dispostas as trincheiras por detraz da brécha, e soube tambem que, em todos os prédios visinhos haviam collocado bastantes materias combustiveis. Attribuí sempre a esta ultima medida defensiva o incendio que veio a destruir a cidade, — que não ao instinto malevolo dos assaltantes. Era, aliás, de manifesta vantagem para a guarnição aniquilar os abrigos de que o inimigo

esse facto, e lhe mettiam a ridiculo os tragicos ademanes. Um dia de manhã cedo, veio acordar-me um grupo de soldados, transportando um official de hussares de Brunswick, horrorosamente ferido, por um tiro de metralha.

Elle e varios soldados, em uma sortida effectuada durante a noite anterior, tinham vindo envolvidos das trincheiras e, impellidos para o interior da cidade, ficaram prisioneiros. Pelo dia adiante, alguém veio perguntar-me se acaso desejava falar a um cabo de sapadores, capturado tambem na mesma sortida. Sobresaltou-me a ideia de encontrar um dos meus antigos amigos; qual não foi, porém, o meu espanto, ao ver entrar pela enfermaria dentro um esbelto mocetão, que me era absolutamente estranho, e vestindo fardeta vermelha. Era o primeiro sapador que eu via com o novo uniforme; pois, antes de eu ter cahido prisioneiro, os sapadores usavam fardas azues. Perguntei-lhe quanto tempo havia que estava no exercito; respondeu-me: — Vim hontem de manhã; entrava pela primeira vez de serviço, nas trincheiras, e tive a má sorte de cahir, desde logo, nas mãos do inimigo.

(Continua.)

Quando á conservação de monumentos e vestigios d'essas transformações, desapareceram até os menores indicios. Não fallamos da cidade no tempo dos romanos ou dos arabes, e escusado era, porque para além de D. Alfonso V não é facil que se encontre uma pedra no seu logar.

Dos reinados de D. João I, de D. Manuel e de D. João V, nos quaes tanto se enriqueceu Lisboa com magnificos e sumptuosos monumentos e abertura de algumas novas ruas, pouquissimos são os vestigios.

Todavia, ha um bairro que sendo o mais sordido, foi sempre poupado, e pelo qual ainda actualmente se observam varios restos dos muros da cidade, de frontarias de antigos palacios, de vetustas ermidas e os letreiros sumidos de velhas inscrições curiosas.

Antes do terramoto grande, a cidade baixa apresentava, como se sabe, uma emmaranhada teia de travessas estreitas e de beccos escuros, em todas as direcções.

A viação tornava-se, pois, deveras difficil por aquelles caminhos tão exiguos, e muitas vezes não podendo passar ao mesmo tempo uma car-

roça e uma cavalgadura, era esta esmagada d'encontro à parede, graças também à imprudência do cavalleiro e à brutalidade do conductor do vehiculo.

Só no tempo do Marquez de Pombal se mudaram as condições topographicas da parte baixa da cidade, e essa complicada rede, reduzida então a um immenso monte de ruínas e de cinzas pelo terramoto, transformou-se no grande parallelogramo, cortado por largas ruas, que hoje se admira.

## II

A inscripção que faz o objecto da presente noticia, e de que adiante damos uma copia, merece ser conservada. E' um documento apreciavel das circumstancias da viação lisbonense no seculo xvii; n'ella se vê como a côrte influa, com a questão de precedencias de hierarchia social, n'um ramo de serviço publico tão momentoso e importante que não deve attender a taes ninharias e preconceitos.

Dada a estreiteza das ruas, eram por demais impertinentes tão vaidosas pretensões e prerogativas fidalgas.

A inscripção, de que vamos fallar deu azo a collações divertidas com os vehiculos de varios magnates da epoca. Os chronicistas deixando-nos simples noticiinhas acerca dellas, também por vezes apimentaram o caso com uma certa ironia, que resalta tão incisivamente que a verdade da succinta descripção parece palpitar n'aquellas linhas contemporaneas.

Consta que a lapide foi alli collocada por causa dos coches que, nos dias de grandes festas em S. Vicente, vinham por aquelle caminho. E na verdade o itinerario mais seguido, sendo pela rua do Salvador, manteve-se com todas as suas difficuldades até epochas em que o senado lisbonense rasgasse outras arterias de communicação. Levou tempo, antes que se abrissem as novas ruas pois que a do Salvador e muitas das viellas suas circumvizinhas teimavam em zombar dos cataclismos destruidores, ficando incolumes. O bairro de Alfama tinha, pois, como se vê muita sorte: os tremores de terra nada queriam com elle, respeitaram-o sempre.

## III

Até ao terramoto, de 1755, os vehiculos mais usados eram as carroças, pequenos trens aos quaes se foram substituindo as seces de duas rodas que, mais tarde, tiveram grande voga.

Todavia, os trens da moda, como as estufas, coches envidraçados, tendo interiormente dois assentos, os horões, paquebotes, carrocins e outras especies de coches abundavam de tal sorte na circulação da cidade que o movimento das ruas se interrompia a miud.

Uma liteira que vinha, e um transeunte que parava ao meio da rua, cumprimentando qualquer dama cuja cadeirinha lhe passava deante, era o sufficiente para impedir o transitio.

Efectivamente, certos vehiculos tinham formas tão avantajadas, que contribuíam bastante para difficultar o transitio.

Os primeiros coches, cuja moda, dizem, ter vindo de Castella, eram d'esses; só alguns annos mais tarde appareceram os florões, especie de pequenos coches castelhanos, uns de estribo, outros de portinhola e de cortinas em lugar de vidros.

Esses primeiros coches em poucas ruas podiam andar e em certas solemnidades, dada a estreiteza das ruas os acompanhamentos faziam-se a cavallo.

Em verdade, o coche era uma carruagem pouco propria para percorrer ruas estreitas: bastante grande, assentando em quatro enormes rodas, tendo dentro assentos para quatro ou mais pessoas, era de ordinario tirado a crecido numero de animaes, duas e mais parelhas. Era um enorme meio de transporte complexo na sua estrutura chegando em epochas faustosas a constituir obras primorosas na arte da esculptura em madeira.

O jogo, o tejadillo, as maçanetas, as misulas, os paineis das portinholas ou estribos, as cadeiras, e o pezabrio, arquinha, lança, casquilho, boleta mestra, cravija, argollo e mil outras peças como as braçadeiras, tesouras, cabeceas, aldrabão eixo, viga, e as immensas rodas com as suas variadas partes: cubo, porcioneiros, corriaõ d'alçar, cataplasmas, mangotes, soleira, tapadouro, etc., que eram as peças essenciaes de tão pezas machinas de transporte. Na sua feitura, mais ou menos artistica e delicada, se exgotaram mil formas. O ouro, os relevos, as pinturas, as variadas decorações com brocados e velludos de alto preço tornavam-nas esplendorosas e alacreantes no seu aspecto.

No nosso muzeu de arte ornamental bem se pode admirar alguns coches, especialmente o de D. João V, que constituem verdadeiras obras primorosas de requintada arte e de subido valor material.

Desde o fim do seculo xvii que se começaram usando os chamados calexes. Já que citámos as outras variedades de vehiculos para transporte de pessoas, indicamos também o calexe o qual, segundo varios escriptores, abundou muito no seculo xviii.

No proprio centro da cidade era preciso dar mil voltas para ir a qualquer ponto, ainda que fosse perto.

Entre o Terreiro do Paço e o Rocio não havia communicação directa, e quem partisse do primeiro pelo Arco dos Pregos, vindo dentro de um coche, e se não metesse à rua Nova e d'ahi à do Ouro, largo dos Douradores, seguindo pela rua do mesmo nome até ao largo dos Escudeiros, via-se obrigado a voltar para traz ou a seguir em cavallo.

Tal era, pois, o estado das communicações na cidade quando se esculpiu e collocou a lapide a que já alludimos e de que vamos agora fallar.

(Continúa)

Esteees Pereira.

## A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA, POR S. ABELUNG

(Continuado do numero antecedente)

Wolkow, quando lhe participei a famosa novidade, por pouco não rehentou de riso; quando, porém, percebeu como eu tomava a serio o caso, resolveu-se a discutil-o commigo, a valer.

— Tu és um grandissimo ratio! disse; outro qualquer, no teu lugar, estava a pular de contente. Que, afinal de contas, não deixas de ter razão, a situação, não é das melhores, visto que não gostas da pequena... mas não haverá meio de encontrar sahida á semelhante entalação?...

— Nenhum absolutamente! respondi, em tom pathetico — não posso nem devo proceder para ali como qualquer biltre!

— Mas, olha tu que a pequena é bonita a valer! — Va lá, faze um esforçoso... puxa por ti... talvez te resolves ainda a gostar d'ella!

— Meu rico amigo, agradeço á tua boa vontade o conselho, mas sinto que me é de todo em todo impossivel. — O coração não reconhece dono. Pothamos pois de parte o que, já agora, não tem remedio e ve se me ajudas, com os teus valiosos conselhos; preciso escolher definitivamente os trajes para os personagens do meu quadro; depois de amanhã deve ella conceder-me a primeira sessão.

Estephania consentira, afinal, em se prestar a servir de modelo. Mas não me dirá para que é que foi escolher um futo tão triste. Forte semsaboria! observára a minha futura.

«Pois não era muito mais bonito aquelle meu vestido *crème* enfeitado de rosas! — ou o outro, cõr de flor de peçgueiro, de sêja e tale!»

Arrepieme todo, e trinquiei a lingua para reprimir o ataque de ira que me acometteu. — Mas, aqui para nós, não seria natural o desejo? Instei, e ella afinal sempre cedeu.

«Pois sim, com a condição de que, mais tarde, me hade tirar o retrato vestida para baile. — «Ora» accrescentou em tom insinuante — «o senhor, a fallar verdade, bem se podia deixar d'essa massada das pinturas; que precisão tem de trabalhar?»

— A massada das pinturas! — O Deus de misericordia! e falava n'estes termos aquella que, por ironia da sorte, ia compartilhar commigo a ventura e os trabalhos da vida!

Chegou finalmente o momento esperado com tanta ansiedade. Estephania, com aquelle traje, antiquado e tão severo, parecia ainda mais formosa — era um portento! Excedia tudo quanto eu anticipára, e eu, levado ao auge o meu encanto, atireime, com ansia, ao trabalho. Estephania, porém, não podia estar por muito tempo na mesma attitud; em breve entrou a tagarellar, ora mexendo a cabeça em sentido contrario a posição determinada, voltando-se a todo o momento para a mãe, a qual, sentada, se entretinha com um trabalho de agulha; não fazia senão bocejar, percorrendo com o olhar distraido as paredes do meu atelier.

— Se me fizesse o favor de inclinar um pouquinho mais a cabeça sobre o hombro esquerdo, — assim, assim; está bem.

— Valha-me Deus! Isto sempre é tão massador! disse ella logo d'ahi a dois ou tres minutos; e entrou a fazer beicinho, tal qual os pequerruxos quando os não deixam pular e fazer bolha. — Ora, — veja se atira para o lado essa taboa tão sarapintada de tintas, que tem no braço, e que até me faz mal á vista! Deixe-me, por um instante, tirar do pescoço esta peste d'esta coleira de folhos, que me está a fazer cocegas nas orelhas.

E assim foi indo — durante raros, rarissimos intervalos de silencio; a sua imagem evocava a meus olhos a protagonista da minha composição; mas, assim que Estephania começava a dar a lingua, a illusão desvanecia-se (e ella, era a propria cega-rega).

A segunda sessão não correu melhor. A mamã Richter, impedida por qualquer circumstancia, de acompanhar a filha, mandou uma aia, e Estephania, a todo instante, revolvía-se na cadeira, a discutir com a creada modas, enfeites, trapicalhos, etc.

O meu desespero ia n'um crescendo... Era-me impossivel, em tão deploraveis circumstancias, concentrar o meu espirito. O meu ideal, despenhava-se das nuvens, a todo o instante; e, ainda peor, começava, seriamente a faltar-me a paciencia.

Bateram-me á porta. Os collegas, assim que souberam do namoro e do proximo casamento, deixaram de me procurar; quem seria pois? Levante-me e fui abrir.

— Ah! és tu? — Minhas senhoras, dão licença que entre o meu melhor amigo e collega Leão Wolkow, que desde já tomo a liberdade de lhes apresentar? — Wolkow, a filha do senhor Richter, e minha futura esposa...

Estephania cumprimentou com modo afavel e visível satisfação; e quiz-me parecer que corara, um quasi nada. Recordar-se lha, acaso, d'aquelle dia em que o endiabrado Wolkow se atreveu a cumprimental-a?

Wolkow, senta-te ahi e ve lá se consegues entreter a minha noiva... Mas, espera lá. Que grande ideia! — Vaes vestir este gibão, é o do Rizzio, depois pegas no bandolim e sentaste ali n'aquellas almofadas... E' isso mesmo... Optimo, és mesmo um Rizzio ideal: nem de proposito! — Parece impossivel que não me lembrasse d'isto ha mais tempo. — Volta a cabeça... de perfil, não, de tres quartos... bem!...

— Para que me não vejam o feio carão... heim?... accrescentou Wolkow, reclinando-se commodamente no montão d'almofadas de brocado... ora, obrigado!

Ao contrario, é necessario que se veja o olho direito... e agora, está quieto... se poderes.

Estephania assumiu de novo a attitud indicada, e ate que emfim veio a reinar o socego no meu atelier... D'ahi a pouco, quiz-me parecer que dos labios de Wolkow se soltara uma palavra... um murmúrio, apenas perceptivel.

Absorto pelo meu trabalho, desaparecera de todo a terrivel ansiedade com que, até aquelle momento, me esforçára inutilmente em conciliar a elaboração da pintura com a necessidade de entreter a minha futura esposa sempre irrequieta e aborrecida. Abstrahi de tudo mais, esqueci tudo n'este mundo, unicamente se destacava a meus olhos, sobre o fundo sombrio do atelier, aquelle grupo deveras encantador:

Maria Stuart ali estava, linda, adoravel na sua meiga tristeza, tal qual eu a contemplara na visão dos meus sonhos! O pincel não corria, voava, e a par d'elle, os minutos e as horas.

Por fim, parei, e puz-me a contemplar a minha obra.

Acenei com a cabeça em signal de aprovação. — Wolkow prometteu voltar para as sessões seguintes. — Vê lá agora se me faltas! Ah! isto sim, o trabalho assim é outra coisa!

— Queres então que te sirva de modelo a valer?

— Ainda o perguntas! Repito, por tudo quanto ha te peço que não deixes de vir á proxima sessão.

— Está dito, — respondeu Wolkow, e, ao que me pareceu, com modo um tanto contrafeito. Despediu-se, sahio, e eu fui acompanhar a casa a minha futura esposa.

O meu quadro fazia progressos; de dia para dia, Wolkow d'ahi em diante não conseguiu ter um momento de socego: eu obrigava-o, a todo o instante, a envergar o traje de veludo golpeado de setim, de Rizzio, que lhe ficava a matar. Era extraordinario o modo porque ambos pareciam estar possuidos dos respectivos papeis! Leão conversava muito, ella, contudo, as mais das vezes, ouvia-o, sem proferir palavra, e tanto a sua attitud como a expressão eram sempre naturaes. Tudo quanto eu em vão tentara conseguir de

Estephania, a attitudo, a inclinação da cabeça, a expressão, o olhar apropriado a protagonista do meu quadro, realisava-o ella agora, de seu mótu proprio, com docilidade assombrosa.

Seus olhos como que sollicitavam o olhar de Rizzio, tão patheticamente embevecida, contemplava o seu pagem, tal qual outr'ora o contemplaria a formosa rainha de Escocia! E Leão? A posição em que estava não me permitia ver-lhe o rosto, mas a attitudo, o aspecto, nada, absolutamente nada deixavam a desejar!

Aquelles breves dias foram os mais felizes da minha vida,

(Continúa)

Pin-Sel (trad.)



## REVISTA POLITICA

Por uma singular e inversa ordem de coisas, no momento em que o governo mais se devia consolidar no poder, sem sombra de crises nem estremecimentos de derrocada, foi precisamente quando mais se viu ameaçado de cair e os boatos de crise correram com persistente insistencia.

Quem tal diria, depois das victorias de Africa, porque tanto se receava; no meio da satisfação e alegria com que todo o paiz festejou o regresso dos soldados portuguezes; quando todas as nações nos felicitavam pelo triumpho das nossas armas e derrota do grande potentado Gungunhana; quando os fundos portuguezes subiam moral e materialmente em todas as praças; quem diria, que n'esta occasião tão propicia para o governo e para a politica portugueza, é que se havia de levantar questões internas que fariam vacilar o gabinete presidido pelo sr. conselheiro Hintze Ribeiro, chegando a parecer imminente a queda.

Custa a crer, mas é verdade, e verdade bem triste porque mostra quanto são acanhados e estreitos os horizontes da politica portugueza; quanto prevalecem as mesquinhas ambições, que nem factos da grandeza d'aquelles que se passaram em Africa, tiveram poder de calar, de se imporem aos politiquieiros para que, pelo menos, respeitassem o que é serio e está muito acima das suas politiquices.

Os postos por distincção aos officiaes que mais se distinguiram na campanha d'Africa, foi o pomo da discórdia, que veio pôr em perigo a vida do ministerio.

Esses postos, que elle podia ter conferido com um simples rasgo de pena, escudando-se na lei de 1839, trouxeram hesitações ao seio do gabinete, que os politiquieiros aproveitaram, com a habilidade do costume, e iam dando com o governo em terra.

E aqui está como se tratar-se de recompensar quem bem serviu a patria, a politica se mettu com as costumadas manhas emporealhando e sujando tudo, a ponto de enojar a gente seria e independente, que não vive de sinecuras nem das intrigas da arcada.

A questão ainda lá se arrasta pelo parlamento, n'um joguete de commissões, com pareceres para aqui, com pareceres para ali.

O sr. coronel Galhardo, porém, é que já deu o seu parecer simplificando tudo:

Não acceta o posto de distincção.

Tranquilise-se, pois, o governo e mais todos os politicos, que a questão está morta, muito mais morta que os anarchistas, que vão dando que falar de si de modo assaz pratico para o platonismo em que muitas coisas vivem por cá.

Nem menos de dois attentados em oito dias se deram em Lisboa. O primeiro visou o chefe da nação a quem um desgraçado atirou umas pedradas, em Alcantara; o segundo attentado derivou-se do primeiro, e em vez de umas simples pedradas foi uma granada explosiva, posta a porta da habitação do sr. dr. Joyce, que fez um enorme estrago na casa e só por fortuna não victimou ninguém.

Luiz de Mattos, o desgraçado que arremecou as pedradas a El-Rei, sem que felizmente lhe acertasse, foi, por parecer dos medicos, mandado para o hospital dos doidos, em observação.

Um dos medicos que deu esse parecer foi o sr. dr. Joyce, e então os anarchistas amigos de Luiz de Mattos, que não querem que elle seja um doido, pretenderam vingar o seu correligionario, attentando contra a vida do sr. dr. Joyce e de sua familia, lançando-lhe a tal granada em casa.

N'estes casos antes criminoso do que doido, segundo a vontade dos anarchistas, e então o governo satisfiz-lhe essa vontade criando uma lei especial para aquelles crimes.

Hoove talvez uma excessiva preocupação do governo em criar uma lei especial, quando no codigo ha penas para todos os crimes, sem ser precisas outras medidas repressivas, como as que a nova lei trouxe, de coactar ainda mais a liberdade de imprensa.

Se ha já uma lei de imprensa para pedir contas por todos os escriptos contrarios ás instituições ou demasias de linguagem, que necessidade havia de impôr mais restricções á imprensa?

Cumpram-se as leis á risca, sem hesitações nem fraquezas, e não haverá que recear pela impunidade de crimes, alias previstos no codigo e na lei de imprensa.

Os meios mais simples são sempre os melhores. E esta a nossa humilde opinião a respeito d'essa poeirada que os anarchistas levantaram ha dias por ahi.

João Verdades.

## PORTUGAL EM 1760

*Cartas familiares (XV a XXXVIII) de José Baretti, traduzidas do italiano e dedicadas ao*

*Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.*

*D. José de Saldanha Oliveira e Souza*

*em testemunho da mais elevada consideração, sincera amizade e perpetuo reconhecimento.*

## ADVERTENCIA

Escriptas geralmente em estylo faceto, sob a impressão immediata dos logares e dos successos, todas estas cartas são na realidade interessantes. Algumas, porém, como a que se refere ao lançamento da primeira pedra da igreja da Memoria aos 3 de setembro de 1760, em que, por assim dizer, assistimos com o auctor a uma solemnidade da corte de D. José I, grave, taciturna e como que assombrada pelo terror arvorado em systema de governo, assumem, ainda aos olhos dos meros leitores curiosos, o alto valor de um verdadeiro quadro historico.

Outra qualidade pouco vulgar se observa tambem n'estas cartas. É tal a fidelidade das impressões de Baretti que, estando ainda n'aquelle tempo os animos dominados pela pavorosa catastrophe de 1755, esta dolorosa situação moral quasi a cada passo se produz e reproduz nas cartas que elle mandava d'aqui a seus irmãos. Ao lê-las, com effeito, parece-nos sentir, de quando em quando, a terra oscillar debaixo dos pés, tremem as casas, fenderem-se as paredes, estalarem os tectos e baterem as portas e janellas. E por isso, com sobeja razão, a critica imparcial da posteridade tem celebrado principalmente as paginas relativas ás ruínas de Lisboa, e tambem a carta de Elvas, inimitavel de graça espontanea, de scintillante e maliciosa vivacidade.

Vem aqui a ponto um ligeiro esboço da vida errante e agitada d'esse escriptor illustre, que nasceu na cidade de Turim em 1716.

Destinado por seu pae a seguir um curso de direito, José Baretti, contando apenas 16 annos de idade, fugiu da casa paterna e foi para Gualtalla, onde se empregou n'uma casa de commercio.

E, como nas horas vagas se entregasse ao estudo das bellas letras, o poeta Cantoni, com quem allí travou relações, decidiu-o a abraçar a carreira das letras, o que elle fez, sustentando-se dos seus escriptos e levando vida airada durante muitos annos.

Regeu depois um curso de italiano em Turim; mas, porque o ensino d'este idioma na Italia não offerencia de certo grandes vantagens, lá lhe pareceu que seria preferivel passar-se a Londres, onde no exercicio d'essa profissão permaneceu dez annos, durante os quaes foi nomeado secretario da academia real de pintura, e publicou successivamente a *Livreria Italiana* e um dictionario italiano-inglez e inglez-italiano.

Em 1760 foi viajar. Primeiramente veiu a Lisboa, atravessou depois a Hespanha e a Franca, e de regresso a Italia deu á estampa um periodico intitulado *Frustra Letteraria*, como quem diz *Acoute Litterario*, cuja grosseria e azedume, só pelo titulo, bem se pode imaginar o que seria. Corrido de Milão e de Veneza, e perseguido pelo governo de Napoles, tornou para Londres, onde

lhe succedeu um grande infortunio em 1769, pois, indo á noite por uma rua d'aquella cidade, foi de subito atacado por um tal Morgan, a quem feriu mortalmente. Preso por esse crime, livraram-no da cadeia os seus amigos Johnson e Garrick, que prestaram fianca de duas mil libras sterlingas.

Julgado e absolvido, ficaria ainda assim reduzido ás mais tristes circumstancias; se lhe não valesse a munificencia do rei de Inglaterra, que lhe concedeu uma pensão annual de oitenta libras.

As *Cartas Familiares*, traduzidas em inglez em 1770, uma grammatica e um dictionario da lingua italiana, e uma dissertação sobre Shakespeare e Voltaire foram as obras que maior credito lhe deram.

Falleceu em maio de 1789.

I

*A bordo, 31 de agosto de 1760, pela manhã.*

Graças a Deus que principiam a mostrar-se ao longe as costas occidentaes de Portugal; onde, se o bom tempo tiver a paciencia de durar até esta tarde, ainda esta tarde desembarcaremos n'uma praia em que estou morto por pôr os pés. Se tivesse aqui a bordo aquella D. Anna e aquella D. Helena que me tornaram tão agradável uma parte da viagem pelo occidente da Inglaterra, é provavel que não estivesse, como estou, tão enfadado do mar, e é probabilissimo que as minhas cartas maritimas aos senhores meus irmãos não seriam tão extensas como elles as acharão quando as passarem pelos olhos; porque, sempre que os homens podem a vontade conversar com bellas, instruidas e delicadas raparigas, bem pouco se lhes dá de estarem com uma penna entre os dedos, e a meneal-a da esquerda para a direita de uma folha de papel de cartas. D'este meu modo de falar concluireis porventura que eu seja composto de uma substancia muito amorosa, e por consequencia alimentareis a esperanza de que tenha, quando nos virmos, de vos referir um mundo de historias passadas entre mim e as maiores formosuras da Gran-Bretanha durante a minha longa estada n'aquella ilha. Mas vamos devagar, meus irmãos, em formar juizos do proximo em casos de amor, porque em semelhante materia não raramente se corre o perigo de cair em erros do tamanho de baleias. Confessar-vos-hei com franqueza que, antes de sahir de Italia, me deixei perdidamente enamorar um bom par de vezes; mas em dez annos que estive em Inglaterra nem uma só vez me captivei com bom sentido, comquanto, sem jactancia, possa dizer haver tido bastante familiaridade com algumas damas dignas do amor de qualquer homem de merito, quanto mais de um João Ninguém como eu. A falar verdade, irmãos, o não me haver lá apaixonado em tantos annos não foi da minha parte só effeito de razão e virtude. Estava em terra extranha, na qual não fazia tenção de deixar os ossos, e onde, para ganhar a vida decentemente, me cumpria estar todos os dias tantas horas á banca, e a escrever sem interrupção, ou a meditar profundamente sobre o que tinha que escrever; pelo que, ainda que quizesse, poucos pensamentos poderia reservar para uma Filis ou para uma Dulcinea; <sup>1</sup> de maneira que, com pouca ou nenhuma fadiga, me conservei apartado de um laço em que todos os homens facilmente cahem, mormente os ociosos. E, quando a gente começa a estar um ou dois annos sem apaixonar-se por uma mulher, por pouco que se acautele de algum perigo imprevisto, imperceptivelmente adquire o habito de não mais enamorar-se; quero dizer, quando o homem passou o fervor da mocidade, e quando um exame attento do coração feminino vos convence de que já não é tempo de esperar amor de uma bella, logo que se deu o grande passo da juventude para a virilidade. Porque, se dobrou esse cabo, já não occorre a ninguém lisonjejar-se de pôr em suave perturbacão e brando tumulto um peito feminino, e levar uma graciosa donzella a esses delirios amaveis, a essas delicadas loucuras que, a meu ver, constituem, senão toda, ao menos a maior parte da felicidade de um namorado! Portanto, o ter sido pouco correspondido em amor, ainda quando era um rapazião todo cheio de ternura e de poesia, e a passagem que fiz da mocidade para a idade viril, alem da obrigação de me cingir bastante com a mente e com o braço para obter meios de vida, foram os tres ingredientes, para assim dizer, que formaram aquella milagrosa medicina preservati-

<sup>1</sup> Filis, nome de mulher caro aos poetas anacreonticos; Dulcinea, dama de D. Quixote.



JOSÉ BARETTI

va que me conservou por tão longo tempo o coração em bom estado, a despeito de certos complexos de belleza, graça e virtude, que teriam uma vez ou outra diminuído ou tirado a saúde intellectual ao proprio senhor Xenocrates. Mas, por mais firmemente que eu quizesse durante tantos annos manter os affectos livres, não tenho contudo querido fugir nunca da companhia das mulheres, especialmente das formosas; antes, pelo contrario, a tenho sempre buscado e cultivado com muito cuidado porque a achei sempre muito mais agradável e recreativa que a dos homens. Por isso é que, para merecer a sua amizade e confiança, me appliquei constantemente a adquirir todas quantas maneiras a mesma experiencia me mostrou serem mais do seu agrado. O que mais do que tudo é grato a uma donzella tenho geralmente visto serem os habéis e delicados louvores feitos a qualquer virtude sua. Uma donzella, por exemplo, caritativa e bella ao mesmo tempo, comoraz-se muito mais de um amavel encomio rendido a sua caridade do que de um panegirico subtil feito a sua formosura; e muito ás escuras a respeito de mulheres estão os homens que não sabem que ellas gostam muito mais de ver apreciadas as suas qualidades mentaes, que não as corporeas. Tratando, pois, assaz familiarmente com muitissimas mulheres, e fazendo sempre uma diligente anatomia do seu coração e do seu espirito, não menos que do espirito e do coração dos homens, e comparando por consequencia as boas e más qualidades de umas com as boas e más qualidades dos outros, foi-se-me pouco a pouco radicando no meu animo esta opinião — que as mulheres são no todo creaturas muito melhores do que nós para fazer passar a um homem a vida em sociedade; porque é indizível quanto os homens são, mais do que as mulheres, astutos, malevolos, arrogantes, presumptuosos, obstinados e brutalmente livres nos costumes; e quanto as mulheres lhes levam a palma em pudor, brandura, affabilidade, compaixão, bella civilidade, e n'essas outras virtudes que tornam o viver quotidiano menos pesado e fastidioso do que naturalmente é. Nem me venhaes dizer, irmãos, que os homens são corajosos na adversidade e nos desastres, mais firmes nas resoluções, mais seguros nos juizos, e mais capazes de obrar grandes feitos do que as mulheres; porque as grandes virtudes masculinas por sua natureza não se podem praticar todos os dias e a toda a hora: mas todos os dias e a toda a hora um ente social está em companhia, e tem necessidade continua de encontrar nos outros as pequenas virtudes sociaes, para que a vida lhe corra tranquilla e alegre. Estas observações, e não uma louca furia de namorar, são as que me tornaram cultor attento e devotissimo amigo do bello sexo, e que fizeram nascer em mim aquella especie de desejo de ter

commigo n'este navio as referidas senhoras D. Anna e D. Helena. Não quero, não obstante, concluir, meus irmãos, que esteja completamente livre do perigo de apaixonar-me. Demais, tive sempre cá dentro um coração todo cheio de terna e perduravel benevolencia, e, além de confiar pouco na minha fraca humanidade, tenho depois tambem visto bastantes homens muito mais prudentes, muito mais circumspectos e muito mais resolutos do que eu, terem com grande valor luctado annos e annos contra a violenta natureza, a qual nunca cessa de impellir a amar, e que, a despeito da sua heroica resistencia, foram, por fim de contas, vencidos e prostrados por um meigo volver de olhos, por um brando aperto de mão, por um leve movimento, um aceno, uma syllaba, um nada. Se, porém, tal desgraça houvesse jamais de succedermem, sem embargo dos esforços que ha tantos annos faço para ella não me cahir em cima, e se em qualquer parte d'este globo vivesse acaso agora uma mulher qualquer, a cujos grilhões não me pudesse de modo nenhum escapar; praza ao menos a Deus, por sua misericordia, dar-lhe tanta bondade quanta basta para que não me inflamme em affecto impuro, e a mim tanta virtude que me impeça de cogitar em corromper-lhe a mente e o coração com maximas falsas e impias doutrinas, como faz a maior parte dos modernos amantes, os quaes, deixando a sua paixão transtornar-lhes o cerebro, procuram de mil iniquas maneiras induzil-as a saciar os seus excessivos appetites, introduzindo pouco a pouco em suas bellas almas um systema depravado de philosophia dissoluta, com que se tornem pouco a pouco merecedoras do odio de si mesmas, dos homens, dos anjos e d'esse mesmo Deus que as dotou com um vivo raio da sua belleza, só para que abrilhantem um dia, como reluzentes e preciosissimas joias, o seu santissimo throno eterno. Adeus, meus irmãos.

Alberto Telles.



Recebemos e agradecemos:

*Revista das escolas, semanario dedicado ás familias e ao professorado. Porto. 1896.*

Temos presentes alguns numeros d'esta publicação que advoga interesses tão alevantados como são os do ensino. São seus redactores os srs. P. Annibal Passos e Antonio de Mesquita, illustrados cavalheiros que tomaram a peito tal cruzada.

*A nova Revista. N.º 1 — Anno I. Director Adolpho Caminha. Janeiro de 1896. Rio de Janeiro.*

Desde muito tempo que dos prelos brazileiros não sahia, vindo até á Europa, uma revista tão selecta e tão digna de apreço.

No presente numero não é facil distinguir primazias entre os diversos artigos, mas não podendo dar aqui uma maior apreciação indicaremos o summario do presente numero affirmando que todas as produções são de subido valor.

Agradou-nos em extremo o artigo de Th. de Magalhães — *As arcadias*. Eguamente apreciaveis os seguintes que são todos os deste numero da magnifica revista: *Os zingaros* por Collatino Barroso; *Tarde do Egypto* por R. de Carvalho; *O poema do amor* por Frota Pessoa; *Sucube* por Pethion de Villar. *Stradivarius!* por Evangelista da Silva; *Repercussão do pensamento philosophico sobre a mentalidade brazileira* por Clovis Bevilacqua; *O velho e o novo mundo* por Francisco Pacheco; *Chronica d'arte* por Adolpho Caminha; etc. etc.

*Flores de outomno* por Alfredo Alves. Porto 1896.

Delicioso voluminho de sonetilhas, elegante poema de rimas cuidadas e harmoniosas, e uma verdadeira joia na sua essencia e na sua forma. Deverás encantadora, tudo n'esta pequenina obra dispõe bem o leitor. Desde a forma tão artistica como conceituosa, e do pensamento delicado das poesias até á forma material do presente livrinho, se aspira o perfume das flores d'outomno.

O sr. Alfredo Alves, é um escriptor muito distincto e um poeta muito mimoso.

Da sua memoria acerca do infante D. Henrique ainda guardámos boas recordações. Foi ella a premiada por occasião do centenario.

Muito agradecemos a gentil offerta de tão gracioso poema.

*Portugal Litterario, revista mensal illustrada. Director Julio de Rosers.*

Temos presentes alguns n.ºº do elegante hebdomadario os quaes inserem artigos de pennas conhecidas e gravuras de actualidade. É uma publicação despretençiosa, modesta, mas muito cuidada.

*Relatorio e contas do Asylo dos orphãos desvalidos da freguezia de Santa Catharina de Lisboa. 1895.*

Este relatorio foi lido na sessão solemne que a sympathica e benemerita casa de caridade realisou no dia 1.º do presente anno, e refere-se ao anno de 1894.

Pela sua leitura se infere quanta dedicação tem merecido dos seus bemfeitores e quanto por isso lhes deve aquelle asylo.

É muito lisonjeiro para a actual direcção o estado em que se encontra o asylo.

*Relatorio dos actos da direcção da Associação Commercial do Porto. 1896.*

Como de costume esta importante agremiação, publicou o seu relatorio, sendo o presente redigido pelo illustrado 1.º secretario sr. Alfredo da Fonseca Menêres.

Da elaboração d'este relatorio só temos a dizer louvores porque na verdade constitue modelo apreciavel e seguivel, tal é a boa disposição das materias, a clareza e a ordem que se observa.

Pela leitura do relatorio se vê bem quanto o paiz deve á prestimosa Associação Commercial do Porto que, embora zelando os interesses de uma classe, estende a sua acção benefica a tantos ramos da actividade nacional tornando-se credora dos mais espontaneos elogios. É notavel a forma como tem tratado a questão palpitante da regeneração da marinha mercante portugueza, problema em que tem posto os seus maiores esforços.

Agradecendo a offerta do seu *Relatorio*, endereçamos á Associação Commercial do Porto um voto de congratulação e de sincero applauso por todos os trabalhos que a favor da marinha mercante nacional se tem entregado.

É na verdade bem credor de todos os encomios quem tão bem comprehende o progresso do seu paiz.

## NOVAS DO OUTRO MUNDO

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

POR

JOÃO DA CAMARA

PREÇO 100 REIS

Francos de porte

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE»

para 1896

Está publicado este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 REIS — PELO CORREIO 220 REIS

A venda na

Empresa do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.  
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Lourinho, 25 a 39

1 Philosopho grego, famoso por sua aversão ás mulheres.